

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

20 de Julho de 1914

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1280

CRONICA OCCIDENTAL

Descae, sobre Lisboa, a esmagál-a de asfixia, um capuz de sol ardorosissimo. Os horisontes tomam uns tons azebrados e fulvos de tempestade. As longas avenidas que envolvem, atoresmadas de calôr, a grande cidade, são circulos de fogo, em torcicololos de ancias, apertando-a, mais e mais, ameaçadôramente. O rio esmaece de cansado, decorre sem fôlego, e debalde, num simulacro de esforço, tenta acudir amorosamente a esta linda terra exanime, com abraços debeis e haustos curtos de beijos.

Entanto parece que esse torpôr calmo que assim sem resistencia se insinuou em todas as coisas, é o marasmo que precede as grandes lutas. Pelos espaços torvelinham, em cimbo, e diluem-se em gazes fluidas para se amontoarem, de novo, numa informe e enorme mancha negra, nuvens de borrasca... Por vezes, o vento muda em arestas de agressividade insólita, as suas plumas de caricias deliquescentes. O Tejo, talvez desgostoso com a marcha dos acontecimentos sublunares, ameaça elevar a cachão a sua agua morna calmante, realizando, por seu turno, exatamente, a imagem-de-retorica dum irrequieto politico em voga nas suas margens.

De facto, este ambiente cálido propicia hora revolucionaria. Num tempo de invernã, por certo que banhos-de-chuva regularizados haviam de reduzir a termos precisos as condições da nossa gente. Té as aguias bélicas, veriam, azas ensopadas, azas caídas de desânimo, restritos os seus arancos a uma lucta simples de capoeira.

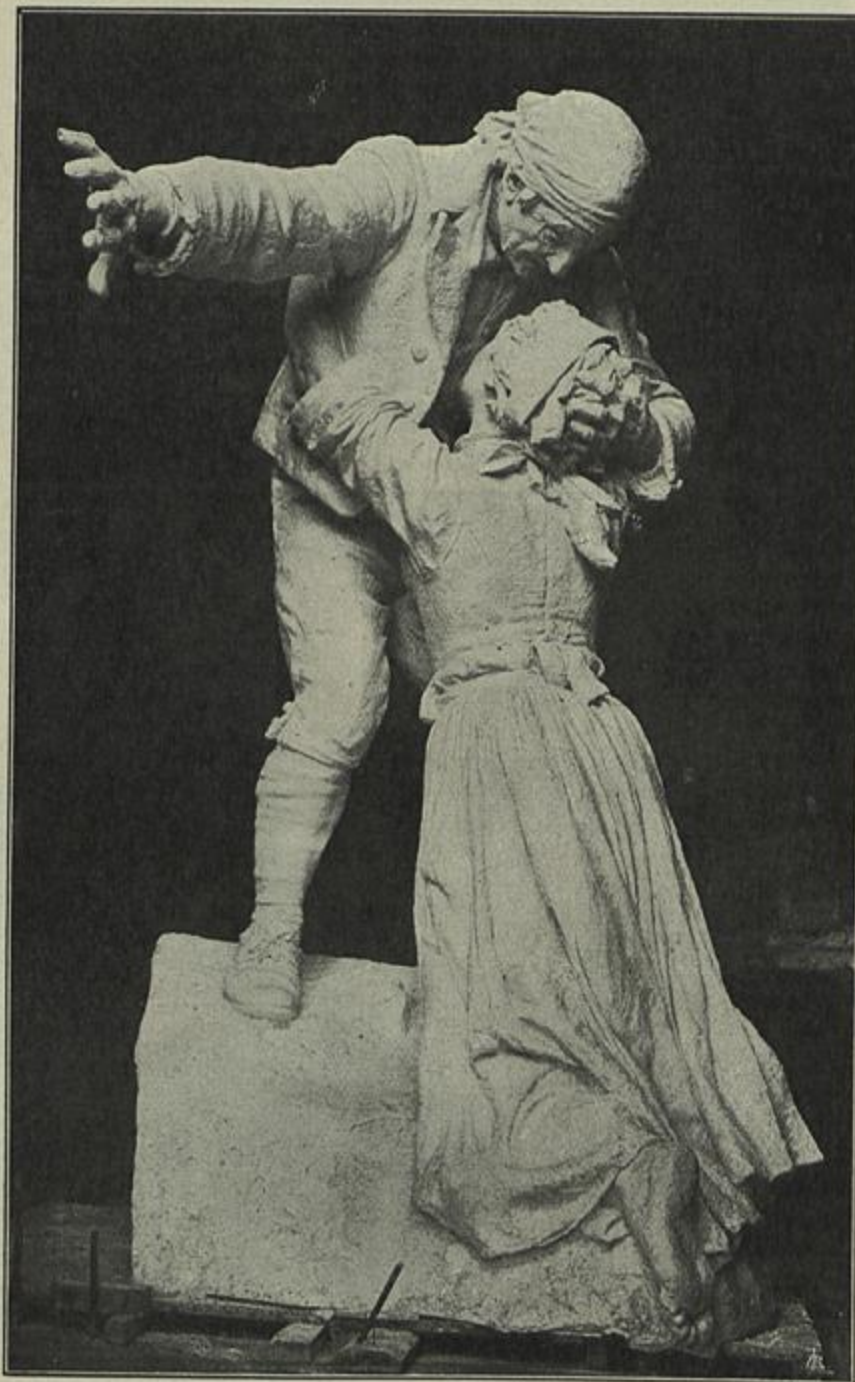
Assim, os raios de sol vão esturrinhar os miolos raros que demoram nas caixas encefálicas dos implumes bipedes da nossa terra. Animados de estio, os pigmeus sentirão, a latejar, nos pulsos a força de cyclopes e criaturas liliputianas hão de vanglorisar-se da audácia de centimanos. Tartarin julgar-se-á Guilherme Tell.

Todavia, nestas ultimas semanas, Lisboa apresenta-se-nos, á vista de aspecto mais acolhedoramente simpatico. Será porque, de cada canto, neste momento, se erguem tapumes altos a velarem as frontarias sujas dos predios? Será porque a toda a linha dos passeios os operarios amodorrados excavam e picaretam para desentupirem

canos-de-exgôto e pingarem remendos de folha sobre canalisações de gaz interruptas? Será porque as persianas se fecham, aos reverberos do verão, sobre as janelas, como palpebras sobre olhos purulentos de vicio? Nada. As causas serão outras.

O parlamento cerrou cortinas. A scena politica deslocou-se. Os senhores deputados debandaram, orêlha murcha, em direcção aos seus relvados e povoados. Decorridos aqueles dias longos, em que puderam mergulhar de afogadilho as suas gulas sôregas no repasto das grandes medidas orçamentaes, eis que por ahi vão, estrada em fóra, abandonando Lisboa em demanda da sombra das olaias e nóras chiadôras da provincia. Repoisam das consideraveis fadigas parlamentares e entre-têm os ocios vadios nos aprestos de galopinagem eleitoral. Demais, os ministros digressionam em passeiatas regalonas de estudo. E até o senhor presidente da Republica iniciou por uma vista á camara municipal de Lisboa uma longa viagem de recreio pelo país.

Além disto, temos a notar ainda que deixam por mezes a linda cidade do marmore, hemorroidos, doentes do figado, derreados de rins, arthriticos e diarrheicos e os que padecem da molestia incuravel e contagiosa de snobismo — que vão veranear para Nice ou Vichy, infestar os ares fartos da Suissa, ou calcur-



MONUMENTO DA GUERRA PENINSULAR EM LISBOA, UM DOS GRUPOS DESTINADO AO MONUMENTO
Escultura de José de Olivéira Ferreira

Veja artigo no n.º 1278, pg.ª 206

(Cliché Marques Abreu)

rear as areias gastas e sáfaras das nossas Póvoas...

Imaginem agora se não ha razão de sobra para considerar mais atractiva de sembrante, esta Lisbôa, assim liberta de ministros e deputados, de snobs e doentes.

Em maioria, as casas-de-espectaculo fecharam. Quer dizer, tambem não podem malquistar-nos as tiradas joco-serias dos nossos pisa-palcos infelizes.

Por ora, só nos é imposto assistir á anarsarca do sr. Chaby. De resto, é sem grande enfado que suportamos as flatulencias liricas da Companhia Caramba, no Coliseu dos Recreios.

Sim. Isto é a expressão mera duma verdade. Comtudo, apesar de tudo, neste momento, os astros não deixam de presagiar desgraça. Os ares são torvos, os horisontes tomam uns tons azebrados e fulvos de tempestade. Em vez dum capuz de gelo, descae sobre a fronte de Lisbôa, um capuz ardorosissimo de sol que esfabricita e move em desvario. A' hora do poente, desenham-se no espaço gestos de sangue. De facto, este ambiente cálido propicia hora revolucionaria. As canículas começam a latir.

Ai de nós, para desventura nossa, que sucederá?...

Os politicos que remanecem por Lisbôa, andam posséssos de todo. Respiram ameaças e punhaes. Nos botequins, ha facadas e tiroteio. Nos campos de comicio, ha estardalhaço e balburdia. Séca o leite nos seios das amas estarrecidas. Os filhos menores fogem das casas de parentes...

Que sucederá?

ANTONIO COBEIRA.



Folhas soltas

Crianças e poetas

Por uma noite d'estas, entrando em uma das nossas livrarias, comprei o ultimo livro do distincto poeta Antonio Correia d'Oliveira, intitulado *Menino*. N'essa mesma noite, durante duas horas, fui lendo todo o livro, e atravez das suas paginas passa como um veo de tristeza pela morte d'uma criança, um filhinho querido. Todos os sonetinhos choram lagrimas de dôr intensa, e as delicadas rimas da sua grande alma de poeta possuem a leveza de um raio de sol em primaveras floridas. E' um relicario de saudades, vibrações de uma alma torturada de intima saudade e profundo desgosto. Apoz a sua leitura, quando o meu espirito ainda se sentia como absorvido pela tristeza do pobre pae, na manhã seguinte, o correio de Paris trouxe-me um livro de versos do notavel poeta Jacques Normand, chamado *La maison s'éclairie*. Eu, que lêra o *Menino*, livro cheio de saudades, encontro-me na presença d'um livro de versos, não de saudades, mas sim de alegrias, pois é a vida de uma criança, neto do auctor. Normand, no seu ultimo livro, pinta-nos de uma forma encantadora toda a vida da criança, o somno no berço, á hora do banho, no recreio, nos jardins, os primeiros passos, as primeiras palavras, no campo, no mar, as historias, as visitas, emfim toda a existencia de uma criança. Em versos admiraveis, Normand descreve-nos o seu grande amor,

o seu ciume de avô, dôres delicadas que o seu coração soffre sem dizer nada a ninguém, e que se curam em series infinitas de beijos.

Assim, dois poetas tão distantes um do outro, cada um atravez dos seus versos, cantam sentimentos oppostos. Um vendo desaparecer do mundo a alma do filho, o outro sentindo-se avô por aquelle neto estremecido, cheio de vida como um botão de rosa polvilhado pelo orvalho da madrugada.

Almas de poetas, almas de crianças, vibrantes no mesmo crescendo de uma harmonia celeste!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



PELO MUNDO FÓRA

As relações politicas e economicas entre as duas nações da península iberica assumiram ha pouco um aspecto deveras commovedor e sympathico, graças á interferencia do grande amigo dos portuguezes, o sr. senador *D. Rafael Maria de Labra*, cerebro potente, actividade extraordinaria, parlamentar brilhante, que por varias vezes tem pugnado pelos interesses de Portugal, para cujo engrandecimento muito contribuiu quer falando quer escrevendo. Nas occasiões mais difficeis, para a nossa situação internacional, encontramos sempre nesse grande amigo o caloroso defensor da nossa independencia e do progresso da nossa terra, que elle conhece mais a fundo que muitos dos nossos estadistas. Basta folhear o seu livro — *Portugal Contemporaneo* — Conferencias dadas en el *Fomento de las Artes* de Madrid — para

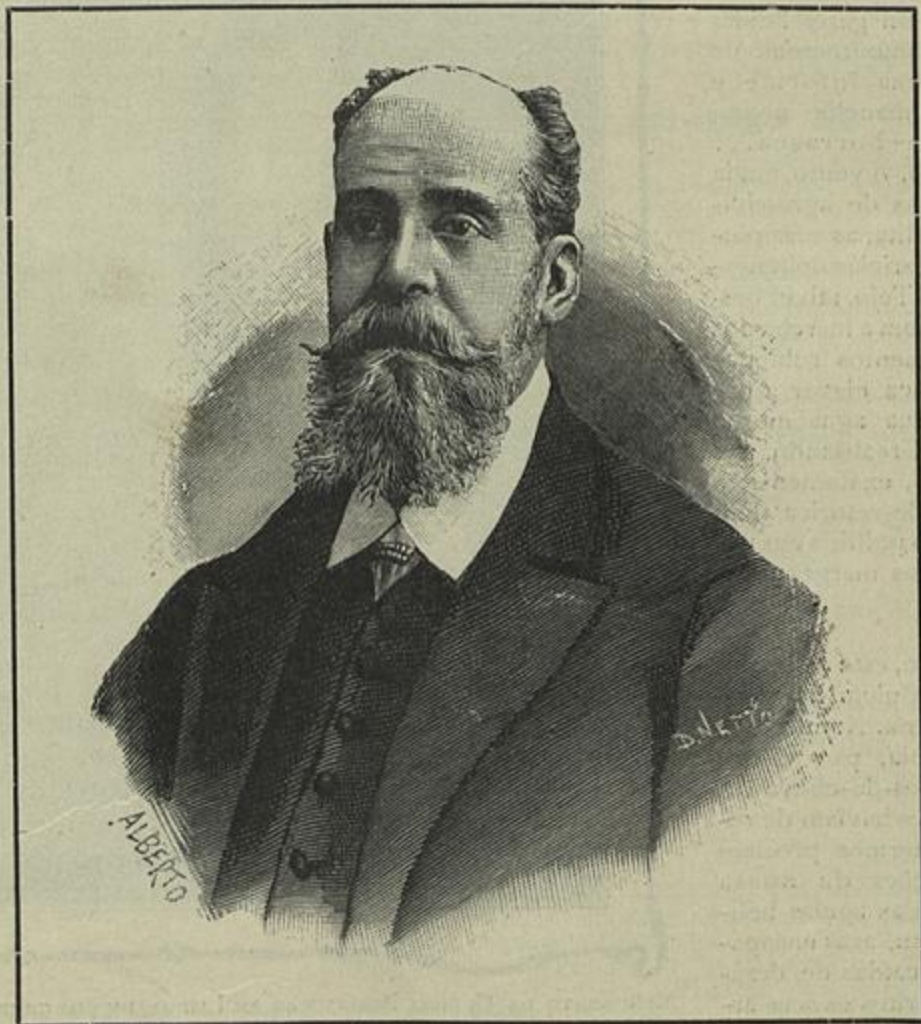
logo nos convenceremos do profundo estudo que o sr. Labra fez do nosso paiz.

Mas já antes d'esse livro, publicado em 1889, o illustre publicista asturiano e eminente parlamentar havia apresentado preciosos estudos sobre o nosso paiz, taes como *Portugal y sus Codigos*, que chega até 1870, *Estudios biograficos*, publicado em 1887, *Marquez de Pombal e La Politica y los Politicos Contemporaneos*, etc.

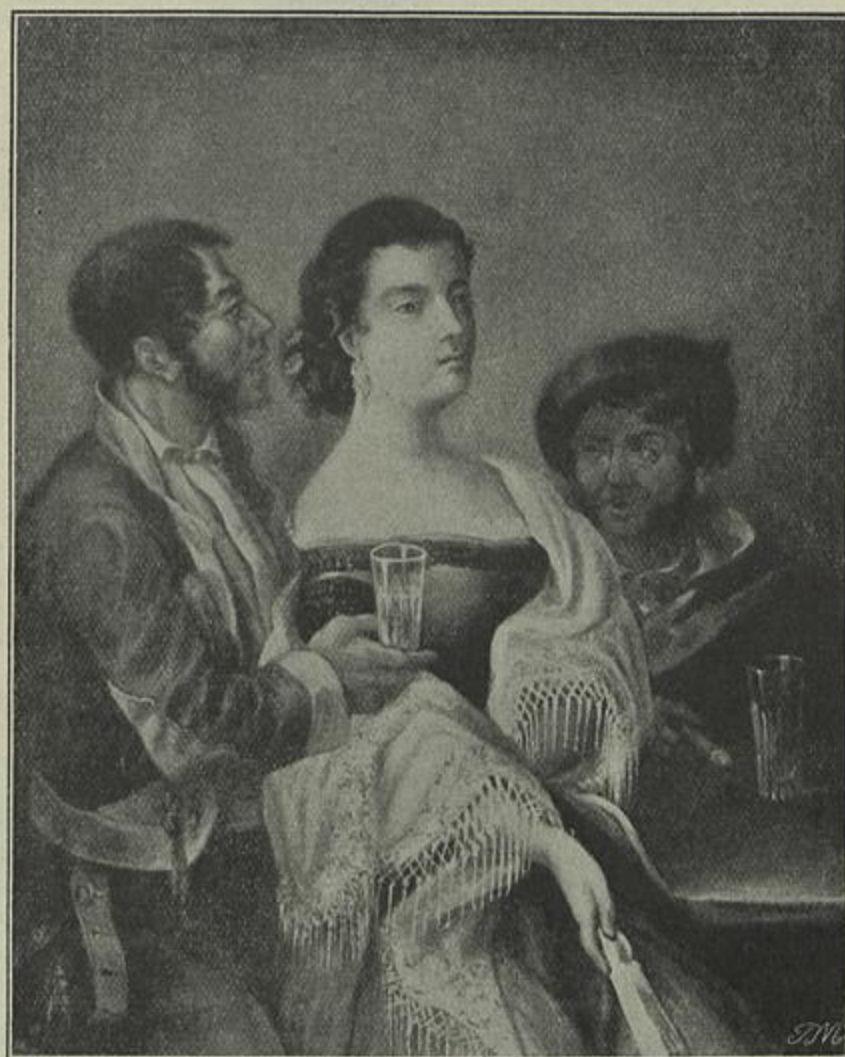
«Todo esto prueba (diz este no prefacio do *Portugal Contemporaneo*), de una parte, el vivo amor com que yo considero y sigo el desenvolvimiento político e intelectual del pueblo hermano; y de outro lado, la fé incontrastable que yo tengo en la eficacia de la propaganda.»

O entusiasmo, o carinho com que então o illustre parlamentar e escriptor se occupava das cousas e dos homens de Portugal nunca affrouxou, antes se avigorou e fortaleceu, como vemos pela sua attitude no *Senado* na sessão de 9 do corrente, a proposito do discurso pronunciado no *Senado* portuguez pelo sr. *José Relvas*, por occasião da discussão do orçamento, em que houve referencias ás negociações entabuladas entre os dois governos para a realização do tratado de commercio, cuja demora tem prejudicado os dois paizes e é devida á rigorosa campanha levantada pelo deputado e jornalista *D. Dionisio Perez*, campanha animada pelos salineiros de *Cadiz* e pelos armadores de *Ayamonte*, *Huelva* e *Isla Cristina*, unicos interessados na não realização d'esse convenio.

O sr. Labra instou para que se activassem as negociações, e que se fomentassem as relações hispano-lusas. No seu brilhante discurso definiu (dillo *El Liberal*) com precisão a *chamada politica iberica*, rectificando aquellas antigas aspirações de romantico e historico progressismo espanhol,



D. RAFAEL MARIA DE LABRA



Entre dois pretendentes

(Coleção Moreira Freire)

Horas mortas



O burgo dorme... Só, tristonha e feia,
Anda no ar a Sombra, a velha harpia.
E decerto de nada se arreceia,
P'lo modo como tudo encara e espia...

Mas, de repente, vem a lua cheia
Rasgar os veus da noite escura e fria,
E agora cai a jorros nesta aldeia
Luz tão brilhante que parece dia.

Espavorida, a Sombra foge, vò
Não sei bem pra onde. Ao longe inda sò
O ritmo estrangulado de quem chora...

Depois, como gentis e bons irmãos
O Luar e o Silencio unem as mãos
E vão bailando pela noite fóra.

Pedrolços, 1914

Cesar Casqueiro.

que tão nocivas foram ás relações dos dois povos peninsulares.

«Com uma visão exacta da realidade, apreciou, num triplice grupo, as soluções a que, na ordem politica, intelectual e economica, ha-de recorrer-se para se chegar a uma alliança immorredoura.»

O sr. ministro dos negocios estrangeiros, sr. *Marquez de Lima*, declarou que fôra com a maior satisfação que tivera conhecimento do discurso do sr. José Relvas, bem merecedor da gratidão de todos os espanhoes, accrescentando que iria empregar os seus melhores esforços para que fossem cada vez mais amistosas e estreitas as relações entre os dois paizes peninsulares.

As palavras do sr. Labra fôram calorosamente acolhidas por todo o Senado, especialmente pelos srs. *Navarro Reverter*, liberal, *Groizard*, democrata, *Romero*, reformista, *Sanchez Roman*, de grande auctoridade, e *Mencheta*, espirito sempre aberto ao que é razoavel, patriótico e justo.

O importante jornal *La Epoca*, occupando-se da memoravel sessão do Senado e alludindo com indizível satisfação ás palavras do sr. José Relvas, diz: — Se analizassemos as ideias apresentadas por alguns d'estes senhores senadores, teriamos occasião de mostrar a nossa conformidade com todas ellas; mas restringimo-nos ao seu sentido geral, e acceitamos por completo as affirmações discretissimas do sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, congratulando-nos por que o governo esteja disposto a tudo quanto represente o estreitamento de relações com Portugal sobre todos os aspectos, dentro da perfeita independencia e da soberania de cada uma das nações — (o sublinhado é nosso), e mais especialmente a tudo quanto se refira ás relações commerciaes.

«Consideramos um grave erro o afastamento em que espanhoes e portuguezes vivemos, e julgamos que, sem diminuição da intangível independencia e da absoluta soberania de cada um dos dois paizes, podemos e devemos viver em affectuosas e cordeaes relações.

Para isso, é preciso primeiro que nos estudemos e conheçamos mutuamente.»

Neste movimento em favor da cordealidade de relações entre Espanha e Portugal deve destacar-se, como acto de justiça, a brilhante figura do sr. senador *Faustino Prieto*, velho amigo do nosso paiz, que numa carta publicada no jornal *El Pais* acaba de mostrar o decidido empenho com que desde ha annos se tem consagrado á aproximação dos dois povos da peninsula.

Falando de boas relações internacionaes, azada é a occasião para registrar a bella festa realizada na ilha de *Guernesey*. Personalidades illustres da Inglaterra e da França se uniram affectuosamente para a inauguração d'um soberbo monumento em honra d'esse genio extraordinario que encheu um seculo e que é o orgulho não só da França, mas da Humanidade inteira, cuja alma vibrou intensamente nas fulgurações sublimes de genial escriptor — o immortal *Victor Hugo*.

O monumento descoberto ao som dos hymnos de França e da Inglaterra, repre-



JOSÉ RELVAS

senta V. Hugo de pé, sobre um socco de granito, caminhando contra o vento forte, meditativamente cofiando com uma das mãos a barba espessa e apoiando-se com a outra num nodoso páu. E' obra do esculptor *Jean Boucher*.

Fallaram litteratos eminentes como *Victor Marguerite*, *Angagneur*, *Jean Richépin*, *Paul Hervieu*, *Georges Lecomte* e *Georges Hugo*, neto do grande escriptor.

Em *Hauteville-House*, onde o poeta genial passou quinze annos d'exilio, houve um banquete, quebrando-se pela primeira vez o religioso silencio em que tem estado mergulhado desde 1878, anno em que pela ultima vez V. Hugo ali esteve.

Jorge Victor Hugo, ao receber tão illustres representantes, disse-lhes:

«E' diante d'estas estatuas douradas que adornavam o salão da Praça Royale que o meu avô lia ás vezes aos seus a obra que acabava de escrever. Depois da sua morte, ninguem mais levantou aqui a voz. Mas pareceu-me que a vossa visita a *Hauteville-House*, durante estas gloriosas jornadas, exigia uma invocação de *Victor Hugo* intimo, e que me era permittido romper este longo silencio para vos falar em casa d'elle, do meu avô e dos seus.»

A estatua foi erecta no *Parque de Candie*. O escriptor *Gustave Simon* disse ali:

«*Victor Hugo* amou *Guernesey*; amou este nobre pequeno povo do mar; amou esta natureza a um tempo severa e sorridente, estas penedias e estes odoriferos jardins, estes vastos horisontes, e se viu pela primeira vez o mar em 1838, na Normandia, se assistiu em *Saint-Valéry-en-Caux* a uma tempestade que lhe inspirou a vibrante poesia *Oceano nox*, foi aqui mesmo, em

1855, que elle conheceu verdadeiramente o mar, que se deixou conquistar pela grandiosa bravura das suas coleras e pela serena belleza da sua tranquillidade. O mar foi para elle um companheiro familiar; foi o heroe de um dos seus romances dramaticos.»

Mais algumas notas temos a accrescentar ao que dissemos sobre a revolução republicana na Italia. Foi em *Ravenna* que praticaram maiores violencias, o que não admira, sabendo-se que nessa provincia abundam republicanos, socialistas e anarchistas. Aproveitando-se da greve de caminhos de ferro, os revolucionarios cortaram os fios telegraphicos e telephonicos e proclamaram a Republica. Uns 17:000 rebeldes marcharam para *Ravenna* e, pouco depois, a republica era proclamada em *Mezzano*, *Villanova* e *Alfonsine*. A população saqueou algumas egrejas e outros edificios, deitando-lhes fogo.

Cortadas as communicações e isoladas as provincias, facil foi provocar o levantamento, annunciando a proclamação da republica, ao mesmo tempo que se espalhava a noticia da fuga do rei para o *Montenegro* e que os ministros tambem tinham abandonado a nação. 32:000 automoveis e bicycletas se empregaram nessa revolução, a que o exercito, fiel ás instituições, immediatamente poz o devido termo.

O anarchista *Malatesta* presidiu em *Ancona* a uma especie de tribunal revolucionario. Em *Falconara Marittima* estabeleceu-se uma junta de salvacão publica, sob a presidencia de *Arturo Gironzi*.

Foi, emfim, uma aventura, que deve servir de lição ao governo italiano.

Legagneux, o grande aviador francês, foi victima do seu extraordinario arrojo, que lhe grangeou fama universal, mormente depois do memoravel circuito do leste, de que nos occupámos em 1910. O terrivel incidente occorreu em *Saumu*, quando o intrepido aeronauta, passando a 250 metros acima do *Loire*, ia dar um dos seus surprehendedentes saltos mortaes. Bem mortal foi elle, decerto. O aparelho, em vez de retomar a sua posição normal, desceu vertiginosamente, precipitando-se no rio. *Legagneux*, que estava amarrado ao aparelho, perdera os sentidos e respirava a custo. D'ahi a pouco falleceu, pois tinha fractura do craneo e d'ambas as pernas, além d'outras lesões, aggravadas pela permanencia debaixo d'agua.

Era o mais antigo dos aviadores francezes. Morreu com 32 annos, tendo começado aos 26. Praticou com *Voisin* em 1908. No concurso de *Reims* em 1909 pilotava o aparelho do aviador *Ferber*, na qualidade de mechanico. Foi o mestre de todos os aviadores de França. Em 1910 notabilisou-se no circuito de leste, sendo o unico dos concorrentes que em biplano terminou a prova.

Nas manobras de *Vesoul* em 1911 foi condecorado com a *Legião de Honra*. De-

pois associou-se com *Martinel*, abrindo a escola de *Corbeaulieu*.

Por tres vezes ganhou o *record* da altura. A 9-12-910, com 3:100 metros; a 17-12-912, com 5:550 metros; e a 27-12-913, com 6:150 metros.

Em 1912 bateu o *record* da velocidade com passageiros, chegando a percorrer 147 kilometros por hora.

Legagneux distinguuiu-se sempre pelas suas exhibições extraordinarias, em que era mestre, fazendo parte d'essa *élite* a que pertenceram *Garros*, *Andemars* e *Gilbert*, os reis do *looping* e das descidas em *sacca-rolhas*. Legagneux deixou o seu nome ligado á época heroica da conquista do ar. Era um tecnico competentissimo, que triumphava das maiores difficuldades; mas o destino condemnou-o. Não é impunemente que se imita *Prometheu*.

Em 27 de Janeiro de 1913 ganhou o *record* da altura, tendo por passageira a aviadora inglêsa *Miss Daviers*, a primeira mulher que havia atravessado o canal da Mancha em aeroplano.

A 27 de Dezembro d'aquelle anno, bateu em *Trejus* o *record* mundial da altura, permanecendo no ar uma hora e trinta e cinco minutos. O barometro registrador indicou 6:150 metros!

A proposito d'aviação, diremos que nas manobras allemãs do proximo outomno o aeroplano vae substituir a cavallaria, na qualidade de batedor, conforme as ordens do estado maior.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Regiões Mineiras de Portugal

Aljustrel

A leitura de um primoroso poema lyrico — *Minha terra* — em que Santos Luz n'umas sentidas quadras nos descreve os encantos d'essa villa do Alemtejo, suggeriu-nos a ideia de reunir n'um simples esboço monographico os poucos apontamentos que sobre a villa alemtejana se nos depa- raram, deixando a laboriosa tarefa da sua larga descripção a pessoas que, com mais competencia do que nós, e entre essas pessoas incluimos o

proprio poeta da *Minha terra*, d'ella se desem- penhem com mais conhecimento e maior brilho litterario.

Nós contentar-nos-hemos com uma simples e abbreviada compilação, o que é de certo modo facil dès que os apontamentos nos não falhem. Recorremos, pois, ao *Diccionario de Geographia Universal*, a um bem elaborado artigo do sr. João Gouveia, publicado em dois numeros dos *Serões*, e a apontamentos cedidos por Santos Luz que tambem, muito amavelmente, nos confiou as photographias que illustram este ligeiro artigo. Posto isto, entremos no assumpto.

O Alemtejo, de ordinario arido, monotono e desagradavel ao primeiro aspecto, precisa ser examinado muito de perto e com grande atten- ção para ser comprehendido e amado.

Constituido de terrenos argillosos, de pequenas elevações, de vastos mattagaes, após as ceifas, no verão, tem um aspecto desagradavel e torrido. Mas — como refere o sr. João Gouveia — passa- das as primeiras chuvas, quando começa a faina da charrua, principiam os céus a azular-se profundamente, n'um tom límpido, o campo a vestir o verde sadio das messes em relvagem, e a terra a fechar-se, a concentrar-se na proxima eclosão dos trigos, toda lavada de um ar sem pó, que tonifica e alegre.

E' a meio d'esses campos, na encosta de um

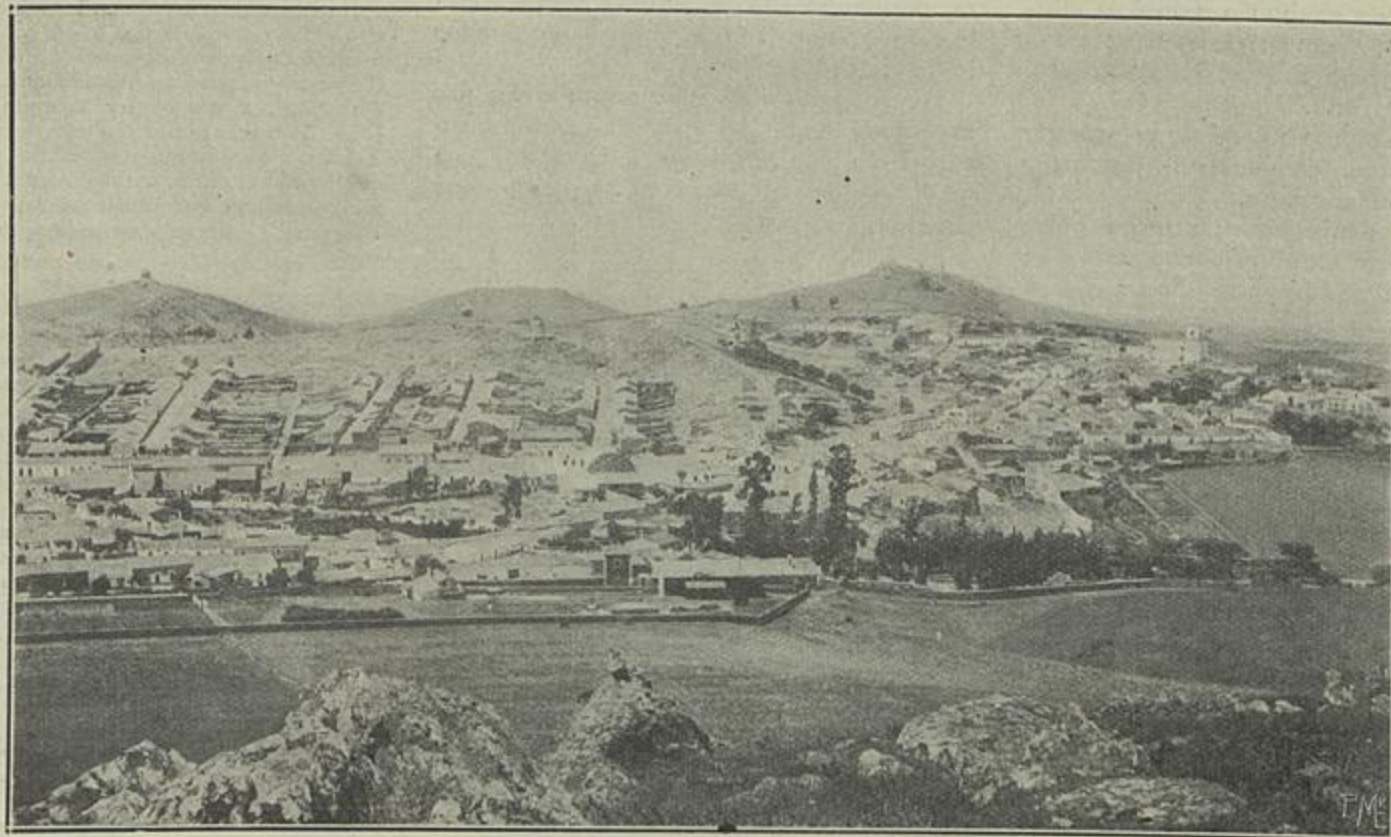
Banquete no Liceu de "PASSOS MANUEL"



No Liceu de *Passos Manuel*, houve um banquete de festa de confraternização dos professores para solenizar o fim do anno lectivo, em que tomou parte o illustre reitor sr. Dr. Alberto Oscar Machado. O banquete realisoou-se na sala da biblioteca. Fizeram-se varios brindes, sendo o primeiro pelo sr. Northwey do Vale, decano, ao sr. Dr. Alberto Machado, elogiando a maneira imparcial e superior como tem exercido o seu difficil cargo, e a todos os seus distintos colegas. Este brinde foi agradecido pelo digno reitor, exprimindo a sua grande satisfação por se encontrar naquela festa de fraternidade, e quanto se tem esforçado para, no desempenho do seu cargo, conservar as tradições escolares, quanto possivel aliadas á pedagogia moderna, de modo a que o Liceu de *Passos Manuel* caminhe a par dos melhores estabelecimentos de ensino. Terminou levantando a sua taça em homenagem ao Chefe do Estado. Seguiram-se ainda outros brindes pelos srs. Baptista Ferreira, D. Tomaz de Noronha, Dr. Alipio Camelo, Borges Grainha, Ruy Teles Palhinha e Antonio Barbosa.

Ao banquete assistiram todos os professores deste liceu em numero de 48 e foram: srs. Afonso Lages Vilar, Dr. Alberto Ferreira Vidal, Dr. Alipio Albano Camelo, Alvaro Pacheco Teves, Dr. Amadeu de Almeida Rocha, Dr. Carlos de Lemos, Dr. Silva Barbosa, Salema Barbosa, Arthur Leal Lobo da Costa, Dr. Carlos d'Arruda Furtado, Cipriano Mendes Dordio, Custodio Alberto Rodrigues Valente, Diogo do Carmo Reis, Eduardo Dario da Costa Cabral, Dr. Fernando Augusto Ribeiro Cabral, Dr. Fernando Thomaz Cavique dos Santos, Fidelino de Sousa Figueiredo, Francisco Maria Henriques, Hernani Antonio Cidade, Jeronymo Northwey do Valle, Dr. Pedro Doria Nazareth, José Baptista Ferreira, João Lopes Pessollo, Dr. João Manuel Rebello de Queiroz, José da Silva Migueis, Joaquim Bernardo Pinto da Silva, Joaquim Pereira e Silva, José Antonio Dias Correia, Dr. José Antonio da Costa Junior, José Augusto Mello Vieira, José do Carmo Lino de Sousa, Dr. José Cerqueira Moreirinhas, Dr. José Lopes d'Oliveira, José Maria Tavares Portugal, José Rodrigues Rocha, José Saraiva, José Verissimo Marques da Silva, Dr. Leopoldino Alves de Vasconcellos, Liberato Damião Ribeiro Pinto, Manuel Borges Grainha, Porphyrio Henriques da Fonseca, Rui Alves da Cunha, Dr. Rui Telles Palhinha, Thomaz d'Aquino Ferreira Nobre de Carvalho, Dr. Thomaz Maria de Noronha, Tiburcio Afonso Teixeira, Antonio José de Carvalho, secretario.

Regiões Mineiras de Portugal



A VILLA DE ALJUSTREL E AS SUAS MINAS

cerro, que se ergue Aljustrel, olhando para o valle, recordando uma enorme e caduca velha paramentada de ruinas.

E' povoação antiquissima, ao que parece de fundação mourisca, pois que aos mouros foi tomada por Paio Peres Correia, no reinado de D. Sancho II, tomada que, segundo a tradição, foi feita pelo valle da Fonte Fialha. Sabe-se que em 1235 o mesmo soberano fez doação da villa de Aljuster — nome que tinha então — á Ordem de S. Thiago; doação que seu filho D. Affon-

so III confirmou em 1255. A esta villa foi concedido foral por D. Manuel, em Santarem, em setembro de 1510. De aspecto pittoresco e attraente, esta villa alemtejana, que fica situada quasi á beira do Sado, é uma povoação que possue umas oito ruas principaes interceptando-se de modo a formarem triangulos irregulares, la-deadas de casas terreas, construidas de taipa.

O bairro operario, denominado a *aldeia*, alonga-se para o sul de Aljustrel.

Descripto muito á ligeira o que seja a villa

propriamente dita, vamos agora falar do que torna Aljustrel uma povoação notavel e para isso nos vamos cingir ao que nos diz a monographia do sr. João Gouveia que é, para o caso, um poderoso auxiliar.

Essencialmente mineira, e por isso a sua população é constituída muito principalmente pelo elemento operario que nas suas minas trabalha, existem nas suas cercanias dois jazigos de pyrite de ferro cuprico que são denominados: Mina dos Algares e mina de S. João do Deserto,



ALJUSTREL — ASPETO DA MINA DE S. JOÃO DO DESERTO

(Fotografias de M. V. Olias)

minas da mesma formação geologica das de S. Domingos, Tharsis e Rio Tinto.

A mina chamada dos Algarés possui duas especies de producto: a pyrite cuprica e chalcocite.

Mas cerremos a monotonia da nossa prosa e sigamos a descripção que o sr. João Goveia nos faz da sua visita á contra-mina:

«... Mr. Perbos annunciara a descida para a casa da machina e indica-nos o Poço: *le puits d'Eyben*. ... Os tóros do escoramento são troncos de azinho e de pinho rijo com trinta centímetros de diametro, e o folheamento de madeira, que encosta nas madeiras terreas, tem quatro a cinco centímetros de espessura, o que garante a solidez. Para oeste abre-se um tunnel de dois metros e trinta de alto por dois de largo, de córte ellyptico com revestimento de pedra sobreposta, calçada e batida, de aspecto sólido... Mr. Brunel indica o sitio em que se está fazendo a oxidação das pyrites... Chegámos á galeria principal em cuja parede oeste termina o filão mais largo... Mr. Brunel convida-nos a descer ao pavimento inferior, e a descida effectua-se por meio de escadas, ao longo de um poço circular que tem um metro de diametro... De trinta em trinta metros ha uma *chaminé* que tem dois serviços a desempenhar: o de respirar e poço de baixada; ao bloco comprehendido entre dois d'estes poços dá-se o nome de *pilhastra*. ... Chegados ao Poço de Vianna — a quatrocentos metros do de Eyben — o mais moderno, terminado no piso oitenta, deparámos com uma cubagem... ampla,

ventilada d'uma solidez de construcção evidente... São horas de subir... Retomamos o caminho que trouxemos e dirigimo-nos ao poço Caiado.»

A mina dos Algarés é a que fica melhor situada, olhando do planalto para a villa que de dia para dia se torna mais populosa, risonha e habitavel, podendo até dizer-se abertamente que não existe outra que a sobreleve em negocio, vida e movimento no Baixo-Alentejo.

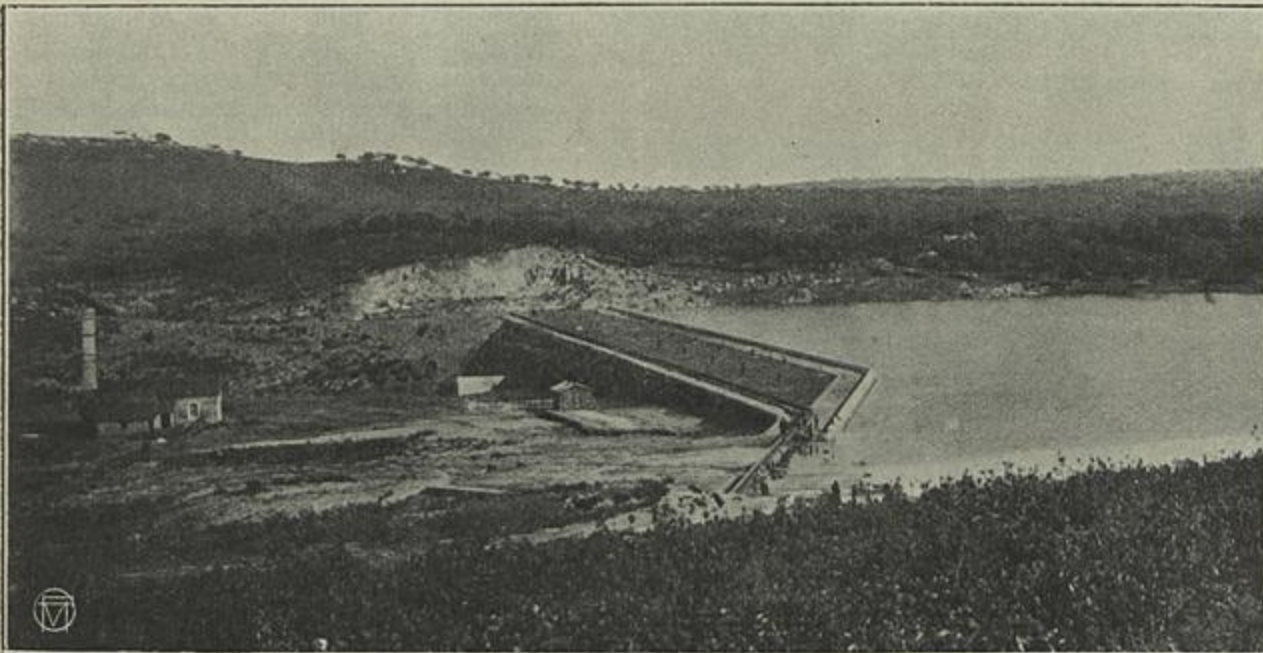
A outra mina a que acima fizemos referencia, de S. João do Deserto que foi, por longo tempo, denominada a mina *rica*, é actualmente a mina *pobre* e é provavel que dentro de algum tempo não compense, para não dizer que se torna esteril.

Proximo de Aljustrel existem duas nascentes de aguas medicinaes, uma das quaes brota mesmo dentro da ermida de S. João do Deserto, havendo annexo um estabelecimento balnear onde as aguas — que desde remotas eras fizeram e continuam fazendo verdadeiros milagres — são especialmente utilizadas contra as doenças de pelle.

E para concluirmos esta pequena noticia sobre Aljustrel, transcrevemos aqui as palavras que Frei Agostinho de Santa Maria, o grande erudito e elegante escriptor, dedica á capella de Nossa Senhora do Castello, perto da qual existe uma pequena guarita indicando o sitio onde primitivamente existia o castello:



A VILLA DE ALJUSTREL



ALJUSTREL — REPREZA



ALJUSTREL — MINA DOS ALGARÉS

(Fotografias de M. V. Olias)

«... no mais alto desta Villa se vê o Santuario de Nossa Senhora do Castello, onde he buscada de todos aquelles moradores huma milagrosa Imagem da Mãe de Deus, que todos teem por Angelical, porque appareceu em aquelle mesmo sitio do seu Castello, que em algum tempo seria mais forte que ao presente mostra, pois só se veem humas fracas taypas. He este sitio muito alto e nelle havia penedos grandes ali nascidos, de huma pedra dura e forte a que chamão *muar* pela sua grande dureza; sobre hum destes penedos he tradição commua e constante, apparecera a Imagem da Senhora do Castello (titulo tomado do logar da manifestação) e como logo obrasse muitas maravilhas se construiu ali a sua casa, que he huma Ermida bastante, com sua capella mór e se dispôz tudo em forma que o penedo que lhe servia de trono ficasse dentro da Igreja aonde o vemos fóra da capella mór, metido na angra, que divide o corpo da Igreja da capella. He este penedo muyto duro, mas ainda assim os devotos o roção para tirar d'elle alguns pós, que applicados a varias queixas e principalmente de cezõens, a experiencia mostra ser grande remedio para as lançar fóra. Vê-se a Senhora collocada em hum nicho de vidraças, em meyo do retabulo que he antigo, e n'elle está fechada á chave, mas como são os vidros grandes, se vê a Senhora perfeitamente; he de roca, mas de tão grande formosura que por ella devemos crer que os artifices foram do ceu... Eu tive particular gosto de ver aquella Senhora, porque parece estar enchendo de alegria e consolação a todos que a visitam... Com ser aquella Santissima Imagem de tanta veneração, não faltou huma sacrilega mão, que cega de ambição (para a haver de roubar) lhe quebrou a vidraça e lhe tirou huns brincos ricos que tinha nas orelhas, os quaes lhe havia offerecido uma devota donzella d'aquella terra, e juntamente lhe tirou das contas huma cruz de ouro e não sei se tambem os *extremos*»

E agora, queridos leitores, a respeito de devoção, concluímos dizendo que em Aljustrel não ha um unico padre e só n'um caso muito especial é que se vae em busca de um em logar muito distante.

XXIV—III—CMXIV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



Senhora da Piedade, miserere nobis!

Ao meu irmão João de Deus

Havia acordado ha muito a povoação costeira. As mulheres traziam para os barcos, enfileirados na praia, os mantimentos da pesca no alto-mar: um góle de aguardente e uma búcha de pão endurecido. Os homens e os rapazes inspecionavam pela ultima vêz os remos e as velas, de cachimbo accêso, o olhar perdido na immensidão.

— Está tudo prompto? Não falta nada?

As mulheres cabisbaixas, resignadas, responderam em côro:

— Ide com Deus. Não falta nada...

— *Larga!* diz uma voz vibrante de marinho. E o batel *Senhora da Piedade*, obedecendo ao commando, destacou-se rapidamente dos outros, impellido por mãos robustas, no chão escorregadio de lodo.

Instantes depois dôze rémos pesados cahiam a um tempo sobre a agua, luzida como um espelho, Enquanto elle se afastava, meio envolto na claridade da manhã, todos os mais, a um e um, abandonaram o ancoradouro com eguaes manobras.

Na praia tudo recahia em socêgo. Alguns vultos, a mão em pala sobre a frente, ainda seguiam as embarcações barrafóra, até desapparecêrem ao longe. Depois, quando ao longe só se avistavam manchas nêgras, perdidas aqui e alli no infinito das

aguas, esses vultos silenciosos, de trajos em farrapos, côr de lucto, recolhiem a suas casas melancolicamente, como somnambulos a resar...

Morria o outomno. Era a maré das tormentas...

Mas aquella manhã estivera tão linda! Poucas vezes se pilhava um dia assim, de feição. E lá no extremo, onde não se sabia se era' céu se era mar, sentiam-se os barcos na faina.

Devia ser uma colheita, rapazes! E as filhas, as esposas, as mães dos pescadôres, regaladamente iam deitando os seus calculos.

— Hei-de mercar uma roupa nova p'rô meu João, dizia uma.

— Pois eu, pago a conta dos remedios na botica e, se Deus quizer, ainda me sobra dinheiro' para um chaile no Natal... acrescentou outra.

E todas ellas, á porfia, bondosamente, faziam promessas de quartilhos de azeite para a lampada do crucificado, que da ermida, á beira d'agua, abençoava os naufragos...

E áquelle offerecimento piedôso juntavam ainda uma vela d'arratel para ardêr á noite, em occasião de perigo, no altar do Senhor...

Os barcos, abarrotados de peixe, desandaram a caminho da praia. Dalli á noite era um passo e uma névoa sombria levantara-se do már, repentinamente.

Os marinheiros inquietaram-se. Apesar de extenuados com a lide, remavam com toda a fôrça para ganhar tempo.

Seria tarde?

O ar enegrecêra. A nuvem alastrava mais e mais, e a breve espaço a atmosphera adquiriu uma tonalidade monótona, pardacenta. O vento, que até ali fóra propicio, turbilhonava agora em todas as direcções. Fóra preciso amainar as vélas para segurança e melhor govêrno dos barcos, que baldeavam e rangiam sobre as aguas encrespadas. De momento para momento o avanço tornava-se mais difficil. O batel *Senhora da Piedade* era o ultimo, e a muito custo se poderia safar do temporal.

Lá adeante subiam nuvens de fumo dos casebres pobres. Esperava-os uma ceia quente e o bom lume accêso. A questão era chegar depressa. Os remos cahiam pausadamente no oceano revolto, abrindo sulcos e espadanando gottas prateadas.

Subito um zig-zag fulgurante rasgou o espaço. Depois um trovão rouco ribombou. Ao mesmo tempo cordas de chuva começaram a açoutar as aguas.

Desencadeava-se a tempestade. O céu e o mar confundiam-se na mesma côr funebre da noite. Além na praia tremiam luzes, muitas luzes. A agitação avançava e crescia desmesuradamente. O clarão dos relampagos cegava. Os tripulantes, afeitos ás invernias, arquejavam de fadiga.

Desanimar? Isso não! Tinham ainda a esperança — bem fugitiva aliás — de attingir a terra. Demais, o perigo diminuia pela ausencia dos escólhos... Estavam perto, a a uma centena de metros quando muito, e breve os da frente iam desembarcar, vencidos todos os obstáculos. Um esforço

mais, um esforço supremo, e estariam salvos. Os remos, soerguidos com ancia, retalhavam a maré a grandes golpes, e levantavam-se em rithmo, babados de espuma. Aproveitando habilmente os intervallos das ondas, com uma precisão e um sangue frio admiraveis, todos os batéis conseguiram abordar. Havia rombos, mastros partidos, homens de brúcos na areia... Contudo, a morte apiedada, poupára-os ainda uma vez. Agora o mar podia bramir á vontade, expandir livremente as suas côleras...

Ainda não... A algumas braças da costa o *Senhora da Piedade* procurá galgar as ultimas barreiras, que se lhe oppõem.

Coragem! Tênto no leme! Salvos!... perdidos... Estas exclamações de animo e desalento fôram simultâneas. O batel avançava num dôrço liquido, gigantêscico, mas uma contra-vaga arremessára-o de vôvo para o largo. Por instantes os espectadores desta scena horrivel conservaram-se immóveis, a respiração suspensa. O imprevisto suffocava-os. Na verdade a situação dos naufragos era desesperadôra como nunca... desesperadôra...

Vagalhões, arremessados por uma força occulta, ameaçavam esmagá-los. O céu rasgava-se em dilúvios. Traços luminosos fendiam-no de lés a lés. Estampidos formidaveis, lúgubres como a voz estertorosa dos condemnados, echoavam e repercutiam-se ao infinito.

Alguns tripulantes com os pulsos retezados pela violencia das manobras, as veias túmidas, o cérebro congestionado, tombavam inertes, como feridos de morte. O desespero e a desigualdade da luca começaram a fazer-se sentir. Então, quebradas todas as energias, ergueram o pensamento para o alto, implorando soccôrro. E era vê-los, crestados do temporal, abandonados os remos, as mãos supplices, brandando:

— *Senhora da Piedade, miserere nobis!*...

Naquelle pandemonio formidavel dir-se-hia que o vento e a chuva, as ondas e o trovão, repetiam num concêrto macábro, todo feito de uivos sobre-humanos e de imprecações infernaes, as mesmas palavras de oração e de fé:

... *miserere... miserere... nobis...*

Gaivotas atordoadas, em vôos curtos e sinuosos, pareciam tambem piar, gemer roufenhamente:

... *miserere... miserere... nobis...*

Na praia brilhavam luzes como carbúnculos.

Dir-se-hiam olhos de febre, desvairados, alucinados...

E a multidão inquieta e expectante — filhas, espôsas e mães dos pescadôres — de joelhos e de rôjo, esfarrapada e desgrenhada, ululava tambem:

... *miserere... miserere... nobis...*

... O barco redopiava. Os lobos do mar, encharcados até aos ossos, batiam os dentes a tiritar como espectros, o corpo agitado pelo tremôr convulso dos moribundos. Era a agonia. O barco rodopiava, rodopiava...

E num momento sumiu-se todo num sorvedouro...

... *Miserere nobis!*...

Coimbra.

MANUEL DA GRANJA.

ANGOLA

(Continuado do numero antecedente)

Não ficou Salvador Corrêa, satisfeito d'esta experiencia e menos ainda de um aviso que recebeu, que os Holandezes, auxiliados pela gente da rainha Ginga, haviam desbaratado os portugueses de Massangano, matando o capitão Nobrega e 140 soldados e que os da praça, desesperados de remedio, estavam resolvidos a entregar-se ao seu alvedrio.

Vendo Salvador Corrêa, reduzido á ultima extremidade todo o dominio de Angola, tendo conhecimento da rebelião geral de todos os sovas e apertado pela necessidade de impedir que os Holandezes fossem reforçados, determinou arrojarse a — uma acção prudente e valorosa com apparencias de temeraria — ordenando para a madrugada do dia seguinte, um assalto ás duas fortalezas occupadas pelo inimigo; porque ainda que reconhecia a difficuldade da empreza pela capacidade das fortificações, onde a nossa artilheria ainda não abria brecha e pela numerosa guarnição que as defendia, tendo nós apenas 900 homens, considerou, que era mais facil perder-se no intento de tão generosa empreza, que retirar-se, depois de exceder as ordens d'El-Rei, deixando totalmente perdido o reino de Angola.

Avançaram ao assalto os capitães e soldados com o — fidelissimo valor de seus animos —, resolvidos todos a vencer ou morrer; tinha Salvador Corrêa dividido as suas forças, ordenando que o ataque se fizesse simultaneamente pelo lado de terra e pelo do mar, mas ou fosse engane, ou por — fervor e valor nos peitos dos combatentes, que é cousa muito antiga na nossa Nação Portuguesa, terem sobrado valor para semelhantes emprezas — não o fizeram, arriscando-nos a perder o effeito de tão — heroica e nunca commettida façanha —; mas a audacia do ataque e a violencia do choque tinha sido tal, que os Holandezes não se acharam dispostos a receber segundo e mandando Salvador Corrêa tocar a retirar, afim de reconstituir as suas columnas para as lançar novamente ao assalto, viu com grande surpresa, apparecer uma bandeira branca e chegar um parlamentar, pedindo lhe que enviasse dois capitães, para ajustarem as Capitulações da entrega da fortaleza.

Suspendeu-se o segundo assalto, sahiram os Capitães e mandou Salvador Corrêa outros dois para a Fortaleza, com ordem para declararem aos Holandezes, que se dentro de quatro horas se não ajustassem as capitulações, continuaria a guerra, protestando não perdoar a vida aos que se obstinassem em continuar a defeza.

Serviu esta apparente arrogancia, (pois era só fundada em 500 homens cansados do excessivo trabalho que haviam padecido, porque os mais,

ou estavam mortos ou feridos), de introduzir novo temor aos Holandezes e rendidos sem consideração a este receio, mandaram um dos Eleitores com as capitulações seguintes:

Que sahiriam da fortaleza de S. Miguel com toda a honra e decoro, com gente formada, bandeiras tendidas, corda accessa, bala em bocca, ao toque das suas caixas e clarins, por entre duas alas da nossa Infantaria, com dois canhões de bronze com as armas da Companhia da Hollanda, marchando até á praia onde seriam desarmados; entregando a fortaleza da Senhora da Guia, com os seus armazens de armas, polvora e mu-

havia mandado preparar, para os transportar á Europa.

Havia já cinco dias que Salvador Corrêa tomara posse das fortalezas, quando appareceu na cidade, vindo do sertão, um corpo de 250 homens, acompanhados de mais de 2:000 negros, subditos da celebre rainha Ginga. Bem desejariam elles romper a capitulação, mas Salvador Corrêa tomara as suas precauções, como vimos e vendo-se sós, capitularam tambem.

O nome de Salvador Corrêa infundira terror e respeito em toda aquella região, apoderando-se tal panico de todos aquellos Holandezes, aliaz



CATUMBELLA — MERCADO DA BORRACHA

nições, com toda a sua artilheria e com os mais petrechos de guerra e mantimentos, dando-lhes nós os necessarios para passarem ao Brazil, com navios bastantes para o seu transporte.

Approvou-as Salvador Corrêa, exigindo a sua execução dentro de quatro horas e que succedendo o contrario, ficariam sujeitos tanto os Holandezes, como os Reis e Principes seus aliados, ao rigor das armas, não podendo usar d'ellas em toda a costa e ilhas da Africa Austral ainda que lhes chegassem novos soccorros. Todas estas condições acceitaram os Holandezes, abrindo-se então as portas da fortaleza, d'onde sahiram mais de 2:000 homens, que ao passarem pela nossa Infantaria que estava em alas, ficaram admirados e vexados do pequeno numero a que se tinham rendido, embarcando immediatamente em tres navios que Salvador Corrêa lhes

valentes e intrepidos, que resultou abandonarem, sem quasi dispararem um tiro, Benguella e a ilha de S. Thomé, desamparando tambem as feitorias de Benguella-a-Velha, Loango e Pinda, de fórma que no fim de dois mezes estava limpa de Holandezes toda a costa de Angola.

Os factos aludidos tiveram por teatro o ano de 1648, época de D. João IV.

O que é Angola, ao presente? Disse-o o doutissimo e talentoso professor Carneiro de Moura em uma das suas primorosas lições da Universidade Livre, por esta dadas á estampa em um folheto, assim intitulado: *A economia social e a Expansão de Portugal nos tropicos (As Colonias Portuguezas)*:

«E' a mais extensa das provincias ultramarinas portuguezas. A sua superficie é de 1.315:440 kilometros quadrados, em grande parte ainda pouco conhecidos. Os limites d'esta provincia não estão ainda completamente determinados. O decreto de 9 de setembro regulou a concessão de terrenos em Angola.

Um governador geral preside á administração de toda a provincia de Angola, com residencia na cidade de S. Paulo de Loanda.

A provincia divide-se administrativamente em seis districtos — o do Congo, o de Loanda, o da Lunda, o de Benguella, o de Mossamedes, e o da Huila. O governador geral governa tambem o districto de Loanda, e os outros districtos são governados por um governador de districto.

O districto do Congo comprehende cinco concelhos (Caçongo, Cabinda, Santo Antonio do Congo, Ambrizete e S. Salvador do Congo).

O districto de Loanda comprehende treze concelhos (Loanda, Ambriz, Calumbo, Alte Dande, Cazengo, Ambaca, Encoge, Icolo e-Bengo, Muxima, Cambambe, Golumgo-Alto, Pundo Andongo e Novo Redondo, e uma circunscrição administrativa — Libolo.

O districto de Lunda comprehende tres concelhos (Malange, Duque de Bragança e Talamugongo) e tres capitánias môres (Alem Cuango, Helo e Ginga e Bondos).

O districto de Benguella comprehende seis concelhos (Benguella, Catumbela, Dombe Grande, Bailundo, Caconda e Quilengues) e tres capitánias môres (Ganguelas-e-Ambuelas, Quito e Nana Candundo).

O districto de Mossamedes comprehende tres concelhos (Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres).

O districto de Huila comprehende cinco concelhos (Huila, Humpata, Lubango, Gambos e



VISTA GERAL DE CATUMBELLA

Humbe) e um *comando militar*—o do Cuamato.

A *região do litoral* na provincia de Angola é a mais conhecida, a *região média* é muito povoada e a *região dos planaltos* é a mais elevada e salubre. A quarta região, a mais interior, tem extensas regiões alagadiças a que se seguem os sertões quasi desertos dos Iacas, Gangueles, Ambuelas, do Songo, do Quioco, do Lubaze e do Lobale.

Os rios Zaire ou Congo, o Quanza, Cunene, Cubango e o Zambeze (Liambai) são n'esta provin-

«1.º — A rêde ferro-viaria da provincia de Angola deve ser constituída pelas quatro linhas de penetração que deixamos indicadas e que são, as três, cuja construção já se iniciou, os caminhos de ferro de Loanda, Benguela e Mossamedes, e a linha que partindo do rio Zaire se dirija á Lunda.

Destas linhas partirão ramais transversais, os quais, auxiliados por uma rêde de estradas e vias fluviaes, constituirão a malha do sistema de viação da Provincia de Angola.

2.º — A linha que tem como testa marítima o

8.º — Na construção dos caminhos de ferro ter-se-ha em vista a rapidez da construção, de maneira a internar as linhas o mais rapidamente possível, ainda que para conseguir este objectivo tenha de sacrificar-se a perfeição da construção e de empregar obras d'arte provisórias, deixando para depois os aperfeiçoamentos e obras definitivas »

As vias de comunicação acelerada formam de-veras a viscera essencial de vitalidade; e, de futuro, não pôde hoje em dia, ser assegurado o futuro dos individuos e dos povos sem que haja um meio pronto de aproximá-los, de pô-los em contacto.

Ora, se isto ocorre em plena Europa e America, no gôso de mil recursos de toda a ordem, o que admira que tambem ocorra no continente africano, onde o progresso e a civilização estão ainda bastante longe de invejavel esplendor?!

E', portanto, de todo o ponto fundamentalissima a instancia de se conhecer e reconhecer, amplamente, por linhas ferreas toda a provincia de Angola.

A entranha dos seus terrenos promete, com certeza matematica, remuneração abundante e fontes inexgotaveis de energias economicas.

«De mineraes, asseverou sem exagero João Bonança (*Programa e lei organica do agrupamento politico Integridade Republicana*), ha uma riqueza colossal a explorar desde a hulha ao cobre, ao ferro, ao ouro e ao diamante. O melhor e mais barato mineiro é o preto, que o portuguez encontra no proprio logar da exploração: basta cuidal-o e conduzi-lo como precioso instrumento de trabalho. Este agente natural é-nos invejado por todo o mundo.»

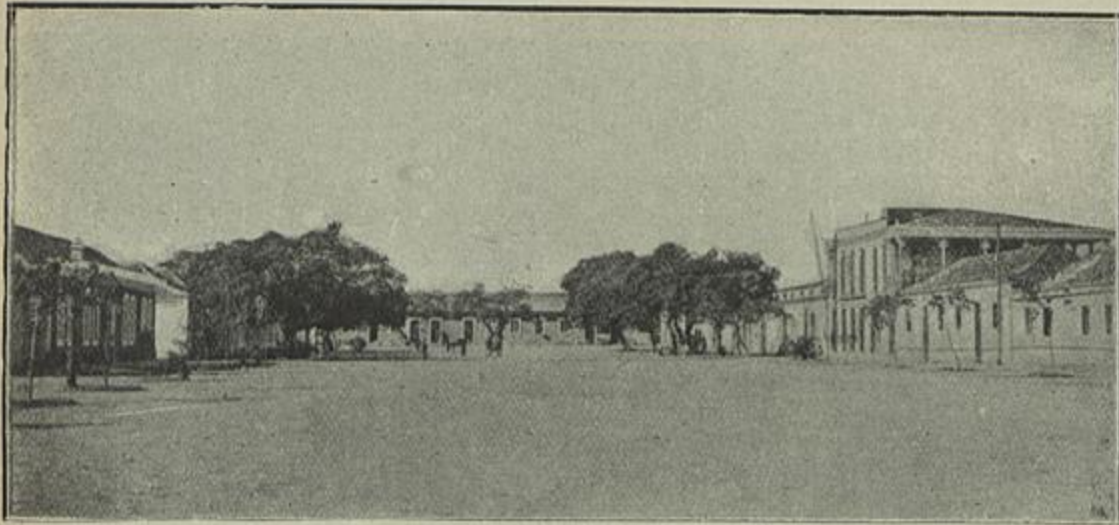
E tão invejado é, tão febrilmente cobiçado, que á forja repugnante de calunias se ha lançado mãos, se ha aberto garras, se ha vinculado pretextos para nol-o arrancar!

Sem embargo, porém e felizmente, a bandeira nacional continua a cobrir o tracto uberrimo que é Angola, e alguns estrangeiros, de san consciencia, por mais de uma vez fizeram ouvir palavras de justiça em favor da nossa causa.

Portugal não é um paiz de negreiros. Regista em paginas imorredoiras a abolição da pena de morte e da escravatura, e sabe o que deve á dignidade humana.

Nem tão pouco se arrecêa de contribuir em preparatorio para a emancipação e autonomia das suas colonias. E' lei natural da vida, sciencia logica do mundo e até nobilissima honra da Historia.

Inglaterra e Estados Unidos, Portugal e Bra-



BENGUELLA — LARGO DOS DOUTORES

cia excelentes cursos para a viação fluvial que, conjugada com a viação das estradas carreteiras e das linhas ferreas, muito devem ajudar a occupação da provincia ainda muito deficiente. O café, a borracha, o algodão, a canna de assucar, gengiba e mandioca são os melhores productos das ricas fazendas de Angola. Os planaltos de Benguela e Mossamedes são proprios para o povoamento europeu.

Os pretos *fiotes*, *bundas*, *n'bundus*, *gangueles* e *hotentotes*, que em geral falam o *quimbundo*, e os negociantes e fazendeiros brancos, com os *mestiços* e com as colonias de agricultores europeus, constituem a população da provincia de Angola, que alguns computam em mais de 5.000.000 de habitantes. O decreto de 29 de maio de 1907 regulou o processo nas questões gentilicas em Angola.

A administração portugueza deixa nos sertões aos regulos, *sobas*, que prestam vassalagem, o seu poder consuetudinario. Os decretos de 16 de julho de 1902 remodelaram os tribunaes em Angola, reformaram o trabalho indigena, crearam em Angola dois concelhos, Bibé e Bailundo, concederam a particulares a exploração da borracha e crearam em Loanda uma direcção de agricultura.

A linha ferrea de Loanda a Ambaca, a que parte de Lobito para Katanga e a de Mossamedes ao planalto, com o cabo submarino e com os vapores que navegam no Zaire e Quanza aproveitam as comunicações bi-mensaes dos vapores que saem de Lisboa, tocam em Cabo Verde e S. Thomé, e ligam assim com os telegrafos de Angola esta provincia á vida intensa exigida pela colonisação moderna.

De fevereiro a outubro o thermometro chega a marcar em Angola 48º ou 50º centigrados. Durante os mezes de dezembro a janeiro a temperatura desce a 36º, e de junho a setembro baixa a 27º.»

Parece-me haver proporcionado a todos os leitores os elementos necessarios para um sufficiente conhecimento da provincia de Angola, na actualidade; e, em especial, o ultimo quadro, que antecede, apresenta-se com o caracter de legitima auctoridade que lhe imprime o auctor, a reger uma cadeia na escola competente.

Resta-me, por isso, concluir este estudo compilativo, com o que seja de maxima e instante carencia para o progresso e largo porvir de prosperidades da famosa provincia a que para sempre se acha vinculado o nome de Salvador Correia, pelas singulares gentilezas levadas a efeito com peregrino denodo.

Leio-o, no *Relatorio acerca do Estudo dos Problemas Coloniaes*, firmado por Ernesto de Vasconcellos e publicado pela benemerita Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1913:

porto de Loanda deve proseguir com a maior urgencia e actividade de fórma a atingir a fronteira leste da Provincia, devendo todos os sacrificios do Estado para auxiliar a viação, convergir de preferéncia para o prolongamento deste caminho de ferro.

3.º O Govêrno deverá facilitar tanto quanto possivel o proseguimento da linha de Benguela para acentuar os serviços que esta linha já está prestando ao fomento da Provincia de Angola.

4.º — A linha de Mossamedes deve continuar até o planalto, no Lubango, fazendo se, de preferéncia ao seu proseguimento para o interior, como linha de penetração, o ramal para o Humbe, com o objectivo de ligação á linha do Otavi da colonia alemã.

5.º — Deve manter-se a bitola de 1^m,60, como consequencia de 4.ª conclusão.

6.º — A construção da linha de penetração do norte da Provincia, com destino á fronteira norte



BENGUELLA — RUA PAULO CID

da Lunda, impõe-se, de preferéncia ao prolongamento da linha de Mossamedes, além do Lubango.

7.º — Os portos, testas de linhas ferreas de penetração, devem ser adaptados convenientemente á importancia do tráfego que a eles concorre e aparelhados e apetrechados em harmonia com aquele tráfego. A' sua exploração deve presidir uma comissão ou conselho local organizada nos moldes do Conselho de Administração do Porto e Caminho de Ferro de Lourenço Marques.

sil vibram, unisonos, a atestal-o e proclamal-o com vigor de eloquencia, com autentico predomínio de capacidade politica e social.

Não é nem será nunca nosso pesadêlo a visão de uma Angola, livre e independente, mas sim o espêtro de uma Angola sem o cunho tipico da patria portugueza e submetida ao jugo alheio.

Portuguezes, ávante pela Provincia de Angola, ávante pela gloria lusa!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Raul Mesnier

Chegou de Africa a triste nova de ter falecido, no dia 26 de maio, em Inhambane, o engenheiro Raul Mesnier de Ponsard.

Eis uma individualidade distintissima da engenharia portugêsa que a morte vergou, não ao peso dos anos, mas ao peso dos trabalhos que, não passam indiferentes, quando activos e em porfiada lucta.

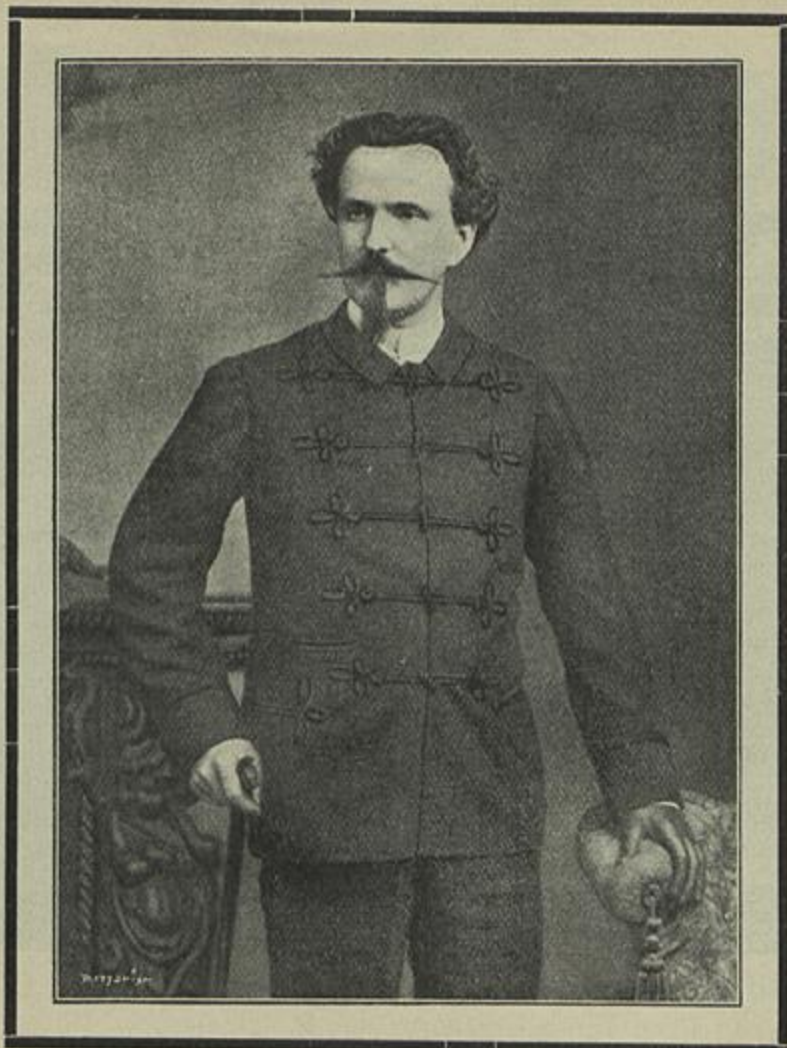
A vida de Raul Mesnier foi bem uma lucta para vencer as difficuldades que se levantaram, ao seu genio empreendedor e activo, neste meio sorna onde, quasi chega a ser censuravel o ter ideias e iniciativas practicas.

E como não seria assim se Raul Mesnier foi, por assim dizer, o introdutor e vulgarizador dos elevadores em Portugal, neste pais acidentado de montes e vales onde taes meios de transporte deviam de ha muito ter o mais util aproveitamento!

Os trabalhos do distinto engenheiro, que o era a valer, comprovam-no as suas principaes notas biograficas.

Nascido no Porto a 2 de abril de 1849, filho de Tiago Roberto Mesnier e de madame Marie Elodie Ranzou, naquela cidade estudou o curso do Lyceu, passando depois á Universidade de Coimbra onde cursou tres anos as sciencias mathematicas e philosophia, indo por fim para o estrangeiro completar estudos de engenharia practicamente nas escolas e oficinas de França, Suissa e Alemanha.

Concluidos estes estudos voltou para Portugal, onde por 1880 foi encarre-



ENGENHEIRO RAUL MESNIER

gado de dirigir a construção do elevador do Monte do Bom Jesus de Braga, o primeiro que se construiu no país.

Este elevador estudado pelo engenheiro portugês, sr. Antonio Maria Kópke de Carvalho, reconheceu que o melhor sistema de elevador a adoptar era o já em uso no Gmessbach e de que era autor o engenheiro suiso Riggenschach. Neste sentido se elaborou o projecto, sendo todo o material fornecido pelas oficinas do *Central Suiso* e executados os trabalhos de construção sobre a direcção do sr. Raul Mesnier.

Concluidas as obras em 1882 e feitas as experiencias e provas finaes o resultado foi completo, sendo seguramente a iniciação do novel engenheiro o seu primeiro triumpho.

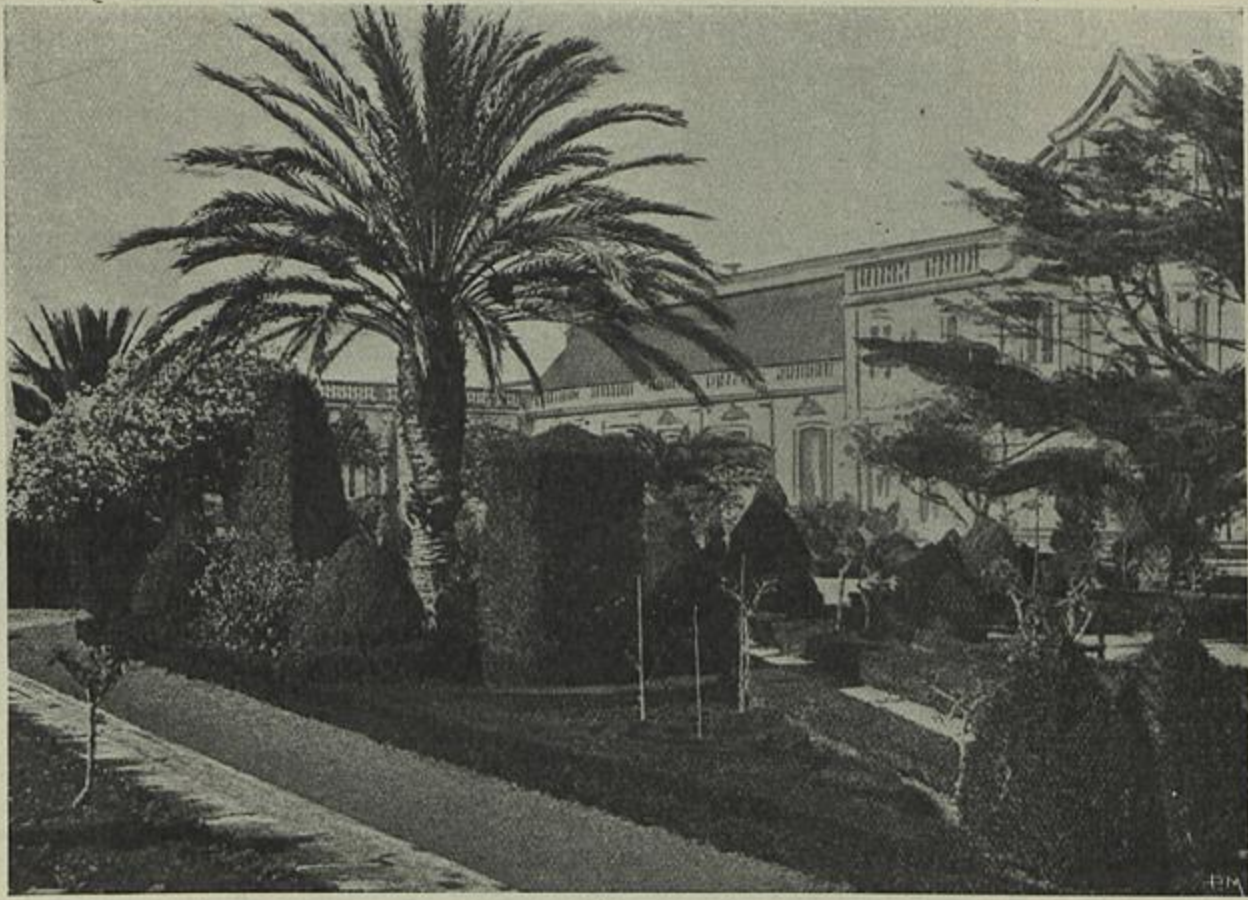
A construção do elevador do Bom Jesus de Braga, foi tambem para Raul Mesnier um grande estudo pratico que o devia habilitar a outros trabalhos do genero e a que Mesnier se dedicou com todo o vigor do seu talento e actividade, que não pouca dispendeu, em preconisar as vantagens dos elevadores, nesta cidade das sete colinas, muito mais, talvez da que precisou para afinal construir todos esses elevadores que Lisboa hoje possui.

Em 1884 construiu sob seu projecto o elevador da Calçada da Gloria. A este seguiram-se o da Calçada do Lavra, o da Estrela, o da Bica de Duarte Belo, o de S. Sebastião da Pedreira, cuja exploração não deu resultado e acabou, o da rua do Crucifixo ao Chão, o da Biblioteca, e, por fim, o da rua de Santa Justa ao Carmo, que é uma verdadeira obra de arte que honra a engenharia portugêsa, sendo todos os projectos de Raul Mesnier.

Todos estes elevadores foram cons-



O PRIMEIRO ELEVADOR CONSTRUÍDO PELO ENGENHEIRO RAUL MESNIER NO BOM JESUS DE BRAGA



JARDIM DO PALACIO DE QUELUZ

truidos em menos de vinte anos sendo inaugurado o ultimo, do Carmo, em 1901, depois de porfiada luta para se remover todas as difficuldades que se opunham á sua ereção.

Hoje já ninguém nega as vantagens dos elevadores, em Lisboa.

Resta ainda uma nota curiosa. Raul Mesnier, no meio de seus estudos foi beliscado por aquela ambição muito vulgar nos portuguezes de ir para o Brasil em busca do Eldorado, e para lá partiu em 1863 a bordo do vapor *Guienne*, tendo como companheiros de viagem, entre outros, um seu primo Guilherme Magalhães, Sanches de Frias e o padre Dias Ferreira, que é hoje bispo no ultramar.

Pensando dedicar-se á vida comercial, seu espirito irrequieto e, acaso, pouco domavel não lhe permitiram sujeitar-se ás imposições daquela carreira, voltando a breve trecho para Portugal, onde veio continuar os estudos, interrompidos, para engenharia que era afinal a sua vocação.

Os seus estudos matematicos-mecanicos e es-

pirito inventivo levaram-no a varias invenções e modificações em armas de fogo, algumas realizadas no nosso Arsenal do Exercito.

Sobre isto publicou alguns opusculos: *Projecte d'une carabine à repetition*, Porto 1879; *O Arithmotechno*, maquina destinada a executar todas as operações de arithmetica com rigor absoluto e inexcedivel rapidez; *Projeto de um novo sistema de obturador para transformação das carabinas Westley Richards de forma a poder utilizar o cartucho metalico de fogo central*, Porto 1879, acaso hoje inaproveitaveis pela razão de novos sistemas de armas.

Estas simples notas bastam para aquilatar o valor do notavel engenheiro que a morte arrebatou, lá por essas Africas para onde Raul Mesnier partira ha tempos, na ideia de ali encontrar campo para a sua actividade, que esse espirito irrequieto, não se quedava na inação.

E' de sentir esta perda que seus amigos lamentam e não menos seus filhos Pedro Gastão Mesnier de Ponsard, Raul Mesnier de Ponsard Ju-

nior, D. Branca Mesnier de Ponsard Pinto, casada com o sr. Amilcar Pinto, capitão de artilharia D. Alice Mesnier de Ponsard Machado, casada com o sr. Alvaro Machado e D. Amelia Caldeira Mesnier. A todos enviamos nossas sentidas condolencias.



ERRATAS

Em o n.º 1278 na *Conferencia do tenente da Armada sr. Jayme do Inso*, pag. 211, no titulo da gravura da 1.ª columna, onde se lê... «inçar da bandeira», deve lêr-se *icar da bandeira*; no titulo da 2.ª gravura da 2.ª columna, onde se lê... *Hate-Lia*, deve lêr-se *Hato-Lia*. No texto da mesma pagina, linha 56, onde se lê *Era ao largar de Bancall*, deve lêr-se *Era ao largar de Bancau*.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX - O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Presentado em medalhas de ouro, nas exposições: de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem, 1890, Anvers, 1894, L. v. 1904, São de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.ª

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.ª
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA